

Série Vaga-Lume



O PREÇO DA CORAGEM

Raul Drewnick

Ilustrações

Nelson Reis



editora ática

O preço da coragem

© Raul Drewnick, 1997

Editor	Fernando Paixão
Editora assistente	Carmen Lucia Campos
Assessora editorial	Rosemary Pereira de Lima
Preparadora	Lygia M. Benelli Goulart
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Rosani Andreani

ARTE

Editor	Marcello Araujo
Editoração eletrônica	Antonio Ubirajara Domienico

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D832p
3.ed.

Drewnick, Raul, 1938-

O preço da coragem / Raul Drewnick ; ilustrações
Nelson Reis. - 3.ed. - São Paulo : Ática, 2000.
136p. : il. - (Vaga-Lume)

Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-06516-5

1. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Reis, Nelson.
II. Título. III. Série.

10-1726. CDD: 028.5
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 06516-5 (aluno)

CL: 732084

CAE: 230663

2019

3ª edição

16ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Psiu!

Todos são suspeitos e as paredes têm ouvidos

Depois de muita luta, Claudete consegue convencer o pai a deixá-la trabalhar. Ela tem dezoito anos mas, para ele, é como se ainda fosse uma menininha. E mais furioso ele fica ao saber que o primeiro emprego da filha será justamente no supermercado do qual ele é gerente.

No novo trabalho, Claudete conhece Deise, que procura ajudá-la em tudo, e Douglas, um rapaz simpático, de lindos olhos azuis. Mas vai precisar ser forte para enfrentar o ciúme de Miss Batom, uma poderosa rival, e não se envolver no clima de tensão provocado por misteriosos roubos que tornam todos suspeitos.

Numa vertiginosa sucessão de intrigas e perigos, ela acaba provando a todos que realmente não é mais uma garotinha.

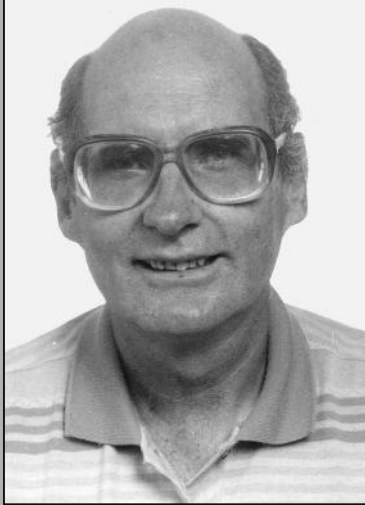
Conhecendo **Raul Drewnick**

Na adolescência, época dos grandes amores, Raul Drewnick apaixonou-se pela crônica. Admirava o gênero porque retratava gente anônima das ruas — jornalheiros, engraxates, sapateiros —, dando-lhes *status* de heróis.

Foi correspondido no seu amor: pelas mãos da crônica, passou a frequentar as páginas de jornais e revistas

de São Paulo e de outras partes do Brasil. E manteve-se fiel. Até hoje vê o mundo com olhos de cronista. Neste livro também notamos isso: os personagens são gente comum, caixas, funcionários da gerência, cortadores de frios.

Raul mostra o dia a dia de um supermercado, o Mil Ofertas, onde uma garota, conseguindo seu primeiro emprego, vive momentos de amor e amizade, e também de medo e perigo. “Um supermercado é um mundo em miniatura”, diz Raul. “Tudo pode acontecer nele.”



Sumário

1. <i>Uma boa sopa de ervilha</i>	7
2. <i>O tirano está chegando</i>	9
3. <i>O supermercado me mata</i>	11
4. <i>Tenho duas serpentes em casa</i>	15
5. <i>A batalha continua</i>	17
6. <i>Aquele lugar não presta</i>	21
7. <i>Essas caixas são umas loucas</i>	24
8. <i>Isto é um assalto?</i>	29
9. <i>Surpresas no restaurante</i>	33
10. <i>Papo vai, papo vem</i>	35
11. <i>Um ladrão no Mil Ofertas</i>	38
12. <i>Cadê a aniversariante?</i>	40
13. <i>O show de Miss Batom</i>	44
14. <i>Mãe, eu fui uma boba</i>	48
15. <i>Pai, assim não dá</i>	51
16. <i>A festa e depois da festa</i>	54
17. <i>O sonho de cada um</i>	58
18. <i>Será que ele me perdoa?</i>	60
19. <i>O rival de Douglas</i>	64

20. <i>Pode pôr caretice nisso</i>	67
21. <i>Confusão na caixa 5</i>	71
22. <i>O chamado da fera</i>	74
23. <i>Vanderlei dá o bote</i>	75
24. <i>Doidinha</i>	80
25. <i>Nova onda de roubos</i>	84
26. <i>Os frangos atropelados</i>	87
27. <i>Um gosto bom de chuva</i>	89
28. <i>Ah, mãe, como eu sou feliz</i>	92
29. <i>Duas intrépidas rebeldes</i>	96
30. <i>Todos são suspeitos</i>	98
31. <i>Japinha boa de bola</i>	102
32. <i>Uma rosa no asfalto</i>	104
33. <i>Isto aqui é um mundo</i>	107
34. <i>Claudete toma uma decisão</i>	109
35. <i>Um grito e você leva bala</i>	112
36. <i>Vida de bandido</i>	116
37. <i>Mãos para o alto!</i>	120
38. <i>O chefe do bando é...</i>	123
39. <i>Tudo vai ser diferente</i>	129

1 **Uma boa sopa de ervilha**

Já fazia uma hora que Claudete havia chegado em casa com a espantosa notícia, mas a mãe, dona Bete, ainda estava nervosa e preocupada.

— Não sei, não. Não sei, não — repetia ela, andando de um lado para o outro da cozinha. — Seu pai vai ficar uma fera. Uma fera!

— Você acha, então, que eu não fiz bem?

— Não, Clau, não. Eu acho que você fez bem. Mas eu não sou seu pai. Você sabe como ele é... Ô vida. Ô vida!

Claudete procurava aparentar tranquilidade, mas estava tão nervosa e preocupada quanto a mãe. Gostaria de fugir para bem longe dali, porque quando o pai recebesse a notícia... Havia homens teimosos e homens muito teimosos. Ele era muito, mas muito mais teimoso do que qualquer outro na face do planeta. Quando dizia não, era não mesmo, sem possibilidade de discussão. **NÃO!!!** com letras maiúsculas e três pontos de exclamação.

E agora ela, Claudete, que o conhecia tão bem, pela primeira vez em dezoito anos ia desafiar para valer aquele homem — um heroísmo que dona Bete, em cinco anos de namoro e dezenove de casamento, pouquíssimas vezes tinha sido capaz de ousar.

O tomate que Claudete estava cortando para ajudar a mãe a fazer a salada do jantar escapuliu de suas mãos, caiu no chão e tentou correr para baixo da geladeira, mas ela conseguiu apanhá-lo antes que ele se escondesse.

— Nossa! Parece que até ele está nervoso — comentou dona Bete. — Será que seu pai põe medo até nas coisas?

Esse momento de bom humor, o primeiro em uma hora, afrouxou a tensão que as duas estavam sentindo. Riram tanto que a mãe acabou chorando e a filha teve um ataque de soluços. Enquanto uma pegava um lenço e a outra tomava pausadamente um copo de água, o instante de alívio se desfez e voltaram o nervosismo e a preocupação.

— Eu falo com o pai, quando ele chegar, ou você...?

— É melhor eu puxar o assunto, Clau. A gente precisa ir devagar. Sempre que ele chega, vem nervoso com os problemas do trabalho, você sabe. O jeito é deixar seu pai falar à vontade daquilo tudo até se acalmar. Acho que a melhor hora para falar com ele vai ser depois da sopa. Eu vou fazer a de...

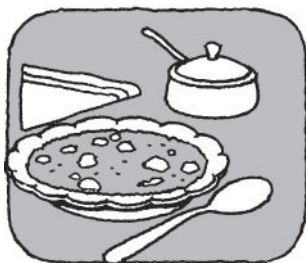
— Ervilha?

— Como é que você adivinhou?

— Mãe, você é um gênio.

Claudete encheu a mãe de beijos. Para tentar amansar o pai, não poderia haver nada mais eficiente do que uma sopa de ervilha. Era o prato predileto dele, o único que o fazia suspirar de satisfação e elogiar a mulher. Nunca tomava menos de três pratos.

— Então, Clau. Quando ele tiver acabado a sopa, eu entro no assunto e seja o que Deus quiser. É melhor você não falar muito, no começo. Vamos devagar, senão ele acaba com a gente.



2 *O tirano está chegando*

Estabelecido o plano para o grande combate, dona Bete procurou concentrar-se no jantar, acreditando que do capricho dela ia depender qualquer possibilidade de vitória, embora continuasse achando muito pouco provável o marido aceitar o que a filha tinha feito.

Claudete, que não gostava nem de ouvir falar em cozinha e em arte culinária, nessa noite havia resolvido ajudar a mãe. Além de cortar alguns tomates para a salada, ela, com visível falta de jeito, estava tentando lavar um pé de alface debaixo da torneira da pia.



— Pode deixar que eu faço isso, Clau. Com o jato assim forte, acaba não sobrando uma folha. Você vai afogar todas.

Claudete ameaçou cair em nova série de gargalhadas, mas a compenetração da mãe a fez parar logo no início. Eram nove horas e às nove e meia seu Júlio estaria abrindo a porta da sala, com sua famosa expressão carrancuda e o mau humor de sempre. Se as duas não queriam deixá-lo ainda mais furioso do que normalmente era, o jantar precisaria estar pronto quando ele chegasse à cozinha com a clássica pergunta:

— Afinal, come-se ou não se come nesta casa?

Claudete, que seguindo o conselho da mãe havia desistido de lavar a alface e estava sem nada para fazer, teve uma ideia.

— E se você fizesse também umas batatinhas fritas para ele comer com o bife?

— De jeito nenhum, minha filha. Parece até que você não conhece seu pai... Se eu disser que fiz sopa de ervilha e também batatas fritas, ele vai ficar desconfiado na hora.

— É, você está certa, mãe. O pai logo vai perguntar se é aniversário dele ou se você está querendo uma geladeira nova ou uma televisão dessas bem moderninhas.

Dona Bete pôs o dedo nos lábios, pedindo silêncio à filha. A conversa estava atrasando o jantar. Ela não disse nada, mas Claudete entendeu o recado: muito fazia quem não atrapalhava. Foi então para a sala, deitou-se no sofá e procurou lembrar-se de uns exercícios respiratórios aprendidos na aula de ioga, que o professor garantia serem ótimos para relaxar. Fez alguns e sentiu que pouco a pouco o medo do pai a abandonava. Ele podia chegar. Ela estava preparada.

3 ***O supermercado me mata***

Quando seu Júlio chegou e abriu a porta, Claudete concluiu que o pai era mais forte do que qualquer exercício de ioga. Suas pernas começaram a tremer vergonhosamente e a voz parecia a daquelas bonequinhas choronas quando ela se levantou do sofá e disse:

— Boa noite, pai. Tudo bem?

Ele resmungou um boa-noite ininteligível, como fazia sempre, e não quis perder tempo respondendo se estava bem. Sua filha devia saber que ele estava sempre mal, muito mal. Seu fígado era uma droga, seu estômago era outra, a pressão não andava boa e a respiração estava muito pior. Também, com aquele maldito emprego que tinha, até um santo ia perder a paciência e a saúde.

Claudete leu tudo isso no rosto dele, como vinha fazendo havia tempo. Esperou que ele pusesse o paletó em cima de uma cadeira e lavasse as mãos. Quando ele entrou na cozinha, ela criou coragem para se aproximar. Viu o beijo sem entusiasmo que o pai deu no rosto da mãe e sentiu de novo as pernas tremendo quando ele perguntou com sua voz de trovão:

— Afinal, come-se ou não se come nesta casa?

Parecia estar mais zangado do que nunca. Sentou-se e lançou um olhar tão furioso às panelas no fogão que dona Bete se apressou em dizer:

— Calma, Júlio. Está tudo pronto. Eu já vou servir. Só um instantinho.

Aí ele começou a falar do seu assunto favorito: as contrariedades que tinha no trabalho.

— Hoje aquele malandro daquele gerente saiu para o almoço e sabe quantas horas ele ficou fora? Duas. É. Duas horas. E o cretino aqui, que tinha um monte de serviço para fazer, parou tudo e foi lá tapar o buraco. Subgerente é para isso mesmo. Fazer o seu trabalho e o dos outros.

— E o outro subgerente? — perguntou dona Bete.

— O outro subgerente? Aquele não presta para nada. E eu lá camelando pelos dois. Recebendo vendedores, falando com fiscais, ligando para o escritório central. Eu já estava meio doido com tudo aquilo e, aí, o que acontece? Entra na sala uma velhinha ameaçando chamar a polícia e os jornais porque não tinha encontrado na prateleira um detergente que estava em oferta no nosso folheto de promoção. Quando eu disse que não podia fazer nada se o produto tinha acabado, ela virou uma leoa. Pensei que ela ia me despedaçar. Ainda olhei no computador para ver se tínhamos no estoque mais algum pacote daquele maldito detergente. Nada. Aí a velhinha saiu da sala me xingando de tudo que vocês possam imaginar. E vocês sabem de uma coisa? Eu mereço. Eu mereço. Se eu tivesse vergonha na cara, largava essa porcaria de supermercado. Os gostosões lá ficam passeando, paquerando as moças, e eu dando duro sozinho. Droga! Droga!

Dois socos na mesa fizeram tilintar nervosamente os pratos e os talheres. Dona Bete pediu que ele tivesse paciência.

— Paciência? O gerente ganha o dobro do meu salário. E o outro subgerente, que não faz nem a metade do que eu faço, ganha mais do que eu. Pouco, mas ganha.



— Calma, Júlio. Está tudo pronto. Eu já vou servir.
Só um instantinho.